

Educomunicação e Extensão Universitária: Estudo Da Experiência Extensionista No Projeto Estação Ceuma¹

João ALMEIDA²

Fabíola SILVA³

Universidade Ceuma, São Luís, MA

RESUMO

Esta pesquisa pretende analisar como os pressupostos da educomunicação são adotados como estratégia político-pedagógica no desenvolvimento da consciência crítica, da participação ativa e no desenvolvimento da cidadania nos alunos participantes da extensão universitária. De forma específica a pesquisa apresentou as seguintes etapas: revisão bibliográfica, análise documental, coleta de dados com aplicação de questionários semi-estruturados aos alunos participantes da extensão e tratamento dos dados coletados a partir do método da análise de conteúdo para categorização dos temas e abordagens educacionais identificadas no projeto bem como os sentidos atribuídos às práticas pelos alunos participantes do projeto.

PALAVRAS-CHAVE: Educomunicação; Extensão universitária; Estação Ceuma

INTRODUÇÃO

A integração entre atividades de ensino, pesquisa e extensão é a base para uma atuação da universidade na sociedade. A formação universitária necessita integrar além da sala de aula, espaços de experimentação e debates para ampliação dos conhecimentos teóricos adquiridos no cotidiano acadêmico, nesse sentido as atividades de extensão tornam-se, portanto, locus de desenvolvimento, capacitação na aquisição de habilidades

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 30 de maio a 1 de junho de 2019.

² Estudante de graduação do 7º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Ceuma, e-mail: joaoalmeidadm@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da Universidade Ceuma, e-mail: fabiolademesquita@hotmail.com

e competências, além de ampliar a visão crítica dos participantes na elaboração de novas leituras de mundo e práticas de cidadania.

O Estação Ceuma⁴ é um projeto de extensão, que teve início em 2016 de forma interdisciplinar e busca desenvolver produtos midiáticos diversos: produções radiofônicas, televisivas e jornalísticas voltadas para o público universitário. Dividido em núcleos de Publicidade e Propaganda, Rádio, TV, Jornalismo e Design, o projeto recebe via edital, graduandos de forma voluntária para produção de produtos voltados ao universo acadêmico. Além das horas complementares, os produtos desenvolvidos são apresentados em um portal e passam a compor o portfólio dos futuros profissionais da comunicação

É possível identificar que a extensão universitária relaciona-se aos pressupostos da educomunicação, uma vez que práticas educacionais referem-se ao planejamento, implementação e avaliação de processos e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos, desenvolver competências e habilidades nos sujeitos, incentivar o senso crítico. A extensão propõe também criar e fortalecer espaços de comunicação universitária mais democráticos e plurais, mobilizando interações para promover a interdisciplinaridade nas atividades.

Partindo dessa perspectiva, a investigação aqui desenvolvida, identificou os pressupostos da educomunicação nas estratégias e ações desenvolvidas pelos alunos que integram o Estação Ceuma. A investigação de cariz qualitativo seguiu as seguintes etapas: revisão bibliográfica para estudo de conceitos acerca dos pressupostos da educomunicação e ecossistemas comunicativos a partir dos autores Ismar Soares (2002), Sartori e Soares (2005), Adilson Citelli (2004), Mario Kaplún (1999) e Paulo Freire (1975), seguida da análise documental e coleta de dados a partir de questionários semiestruturados aplicados aos alunos participantes da extensão. Para o estudo dos dados, o método da análise de conteúdo (BARDIN, 1977) serviu para analisar e categorizar os temas e abordagens educacionais mais utilizadas pelos alunos.

⁴ Projeto de Extensão Interdisciplinar aprovado no CEPE - Resolução 24A/2016 do Uniceuma.

A educomunicação e a extensão universitária

A relação entre Educação e Comunicação se consolidou no âmbito acadêmico nos anos 60 e 70 quando alguns pesquisadores identificaram a força dos meios de comunicação na formação cognitiva social. Autores como Paulo Freire (1996) na área da educação e Mário Kaplún (1999) no âmbito das pesquisas em comunicação contribuíram com os fundamentos teóricos que atribuem às práticas educacionais a produção de mudanças significativas na sociedade.

Freire considerava a educação como ação de reforço a autonomia para a cidadania e Kaplún (1999) ao aprofundar o estudo dos conteúdos disseminados pela grande mídia, identificou as capacidades desta em moldar nossos modos de pensar, agir e ser. A comunicação de massa para o autor apresenta uma dupla face, se inicialmente serve como meio de informação, entretenimento e formação às pessoas, em outra instância também pode produzir uma uniformização de conteúdos e promover padrões de vida por vezes desconexos da realidade, inibindo a reflexão e o desenvolvimento para emancipação dos sujeitos.

A educomunicação situa-se como um campo específico e autônomo de intervenção social, capaz de ressignificar os papéis sociais desempenhados por educadores e educandos com mídias e tecnologias digitais, coexistindo a partir de uma concepção dialógica em “uma construção partilhada do conhecimento mediada por relações dialéticas entre os homens e o mundo” (SARTORI e SOARES, 2005). De acordo com Santaella o desenvolvimento das mídias massivas em larga escala alteraram substancialmente os modos de produção cultural no final do século XIX e as práticas de formação humanas. O processo de mediação resultante da presença midiática na sociedade gerou sucessivas mudanças culturais além do crescimento e diversificação da produção de informações de forma generalizada.

Para Sartori e Soares a educomunicação pode ser compreendida como uma comunicação transitiva, uma prática vivida, um espaço de interações que permitem a expressão, o relação, o aprendizado e o ensino. Quatro áreas de intervenção foram sistematizadas ao se pensar a abrangência da Educomunicação: Estudo de recepção de mídias; Mediação tecnológica na educação; e gestão e aspectos da reflexão epistemológica do campo. As áreas de intervenção propostas pelos autores referem-se a

apropriação das mídias para a prática educativa como de caráter intercambiantes: somente um sujeito capaz de ler criticamente a mídia é capaz de fazer uso do mesmo dispositivo para promover cidadania e estimular nos demais olhares mais responsáveis, críticos, ativos e intervenientes.

Nesse sentido, as mídias figuram como parte da “ecologia cognitiva” definida por Pierre Levy (1997), como uma rede complexa composta pelas tecnologias da inteligência capazes de atuar diretamente na cognição humana. Para o autor, as aprendizagens se dão além da interação social e são exponencialmente mediadas pelas tecnologias digitais de comunicação e informação. Levy observa ainda que, “coletividades não são constituídas apenas por seres humanos. Nós vimos que as técnicas de comunicação, e de processamento das representações também desempenham, nelas, um papel igualmente essencial”, assim o pensar ocorre em uma rede interna e externa à experiência humana: de neurônios às instituições de ensino, passando pelos sistemas de escrita, livros e, recentemente, os computadores, o pensamento se estrutura de acordo com as dimensões técnicas e coletivas da cognição.

Martin-Barbero (2002) retoma a reflexão de Levy acerca da cognição e inteligência humana para salientar que na relação entre Educação e Comunicação, esta é:

“quase sempre é reduzida a sua dimensão puramente instrumental. É deixado de fora o que é justamente estratégico pensar: que é a inserção da educação nos complexos processos de comunicação da sociedade atual, ou falando de outro modo, pensar no ecossistema comunicativo que constitui o entorno educacional difuso e descentrado em que estamos imersos (MARTÍN-BARBERO, 2004, p. 339-40)”

Logo, no ecossistema comunicacional proposto pela autor, a educação se dá no âmbito das linguagens, escritas, representações e narrativas que alteram a percepção, ou seja, no contexto das mídias e das tecnologias digitais de informação e comunicação, e no âmbito das aprendizagens formais, e informais dos indivíduos.

Para Santaella (1992), os diferentes tipos de formações culturais, ambientais, cognitivas, perceptivas e sensoriais passam a coexistir, uma vez que uma cultura vigente não leva as anteriores ao desaparecimento. Na cultura digital vivenciada hoje, se complexifica as linguagens e a cultura das mídias adentra a digital, produzidas nos mais diversos âmbitos educativos. É inquestionável a centralidade das mídias nas esferas de formação dos sujeitos, além daquela ofertada nos ambientes educativos e formais estabelecendo uma aprendizagem distinta da dita escolar e formal, assim, pensar

propostas de extensão para relação com distintas mídias consiste em considerar a complexidade dos universos educativos.

A extensão universitária compreendida como “processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade” (BRASIL, 2002) tem historicamente seu desenvolvimento e legitimação no Brasil e apresenta alguns marcos: resultado do Estatuto da Universidade Brasileira decretado em 1931, na qual a extensão surge como espaço de solução para compromissos sociais e, sobretudo, na década de 60, passa a se constituir cada vez como contribuição significativa à sociedade (CARBONARI;PEREIRA, 2015), porém, após a reforma universitária em 1968, a extensão passa a assumir em definitivo o papel de integrar universidade e sociedade através da prestação de serviços.

Entre as décadas de 80 e 90, as determinações oficiais e diretrizes de órgãos como MEC e do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB), bem como as reflexões desenvolvidas em conselhos e fóruns, a exemplo do Fórum⁵ de pró-reitores de extensão das universidades públicas brasileiras, buscavam precisar o conceito de extensão e delimitar seu papel para solucionar problemas sociais.

O fortalecimento dos movimentos sociais no Brasil surge então como fator para desenvolver o cariz das práticas extensionistas desenvolvidas em diversas IES do país. A extensão universitária é definida, portanto, como prática interdisciplinar de caráter educativo, cultural, científico e político que surge a partir da interação entre universidade e demais setores da sociedade, fomentando espaços de caráter educativo e cidadão.

As investigações sobre o tema, a avaliação das políticas de ações de extensão no Brasil se fundamenta a partir de 2004 com a proposição do Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior (SINAES). A proposta considera os aspectos relativos aos eixos de ensino, pesquisa e extensão.

Nas diretrizes e orientações propostas pelo SINAES, ensino e pesquisa não devem seguir descontextualizados das ações de extensão pois é uma ação:

“que visa, principalmente, a formação do indivíduo-cidadão que irá atuar nos diversos segmentos profissionais, e que, provavelmente, neles encontrará situações nem sempre previstas nos conteúdos de teor específico dos cursos de graduação e que ultrapassam a necessidade de conhecimentos técnico-científicos, exigindo dele posições socialmente comprometidas.” (ARROYO;ROCHA,2010,p.138).

⁵ O Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras

Segundo os autores, os três eixos associam-se a contextos regionais, culturais e políticos complexificados, o que resulta em uma certa imprecisão do real papel da extensão na comunidade.

Para alguns autores a atuação extensionista não deve assumir um caráter assistencialista, mas desenvolver uma formação cidadã que abarque todos os sujeitos do processo e promova desenvolvimento coletivo:

“além dos universitários, atores e públicos com culturas, interesses, níveis de educação diferenciados. Abrange uma grande diversidade de públicos externos com os quais é preciso estabelecer uma interlocução para identificar problemas, informar, capacitar e propor soluções.”
(THIOLENT, 2002, p. 2)

A constituição da cidadania em projetos extensionistas na perspectiva educacional se dá a partir da troca de experiências capaz de reconstituir conhecimento, valores e saberes nos sujeitos do processo a fim de provocar reflexões sobre a realidade, a própria identidade desse sujeito e suas vivências em sociedade.

A aprendizagem é também fortalecida no contato com outras realidades, potencializada pelos ecossistemas comunicativos desenvolvidos em uma extensão que estimule o desenvolvimento de mídias como rádio, TV, jornais além de campanhas que tornam-se espaços onde os alunos possam se posicionar de modo significativo, participativo e de forma cidadã.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa aqui proposta apresenta um cariz qualitativo exploratório dividida em quatro momentos: revisão bibliográfica; análise documental; e coleta de dados realizada a partir da aplicação de entrevistas semiestruturadas via *Google Forms* com alunos participantes. Para análise e categorização dos temas e abordagens educacionais adotadas no projeto, o método de análise do conteúdo que segundo Bardin (1977) organiza-se em três fases: pré análise; exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

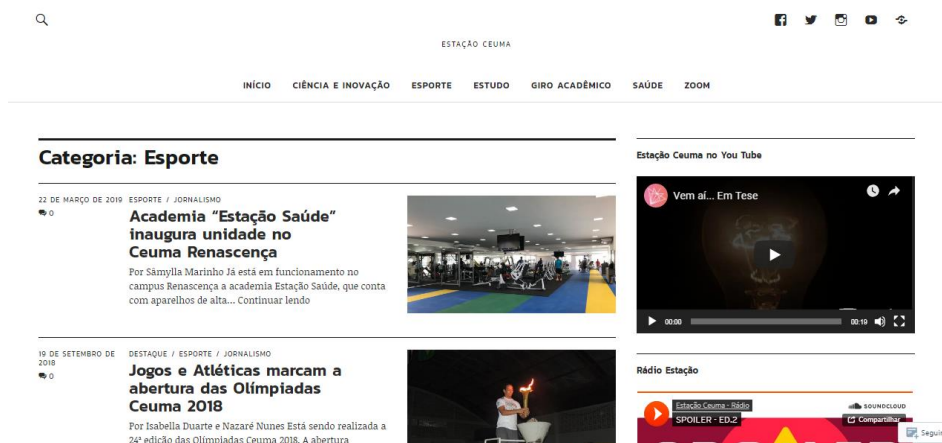
Na pré-análise a partir do referencial teórico foram definidos os indicadores presentes nas entrevistas anteriormente transcritas. Nessa fase foram realizadas a leitura

flutuante para o conhecimento das entrevistas. Na segunda fase, na exploração dos dados coletados foi possível elaborar categorias e subcategorias por meio de recorte, agregação e enumeração para a constituição de unidades de registro. No método, algumas palavras-chaves são identificadas, e de forma inferencial, além do sentido presente na fala dos alunos entrevistados.

O PROJETO ESTAÇÃO CEUMA E AS PRÁTICAS EDUCOMUNICATIVAS

O Estação Ceuma é um projeto interdisciplinar vinculado a coordenação dos cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Universidade Ceuma. Criado em 2016, apresenta um portal (Figura 1) onde são disponibilizadas as produções desenvolvidas pelos alunos e objetiva aproximar o corpo discente da realidade profissional, das práticas de mercado e estabelecer uma rotina produtiva em caráter interdisciplinar bem como desenvolver a interação dialógica de acordo com Política Nacional de Extensão Universitária.

FIGURA 1 - Portal Estação Ceuma



Fonte: <https://estacao.ceuma.br/>

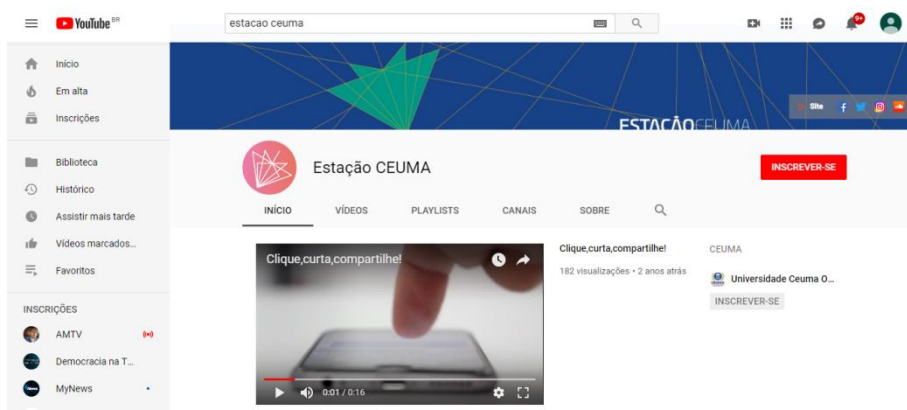
Dentre as produções dos núcleos de rádio, TV, jornalismo e publicidade e propaganda destacam-se:

- 1) Criação de campanhas educativas como o SOS VIDA e AMO LER.
- 2) Cobertura de eventos acadêmicos realizados na Universidade.

- 3) Projetos de interação com a comunidade acadêmica pautados em informação e entretenimento.
- 4) Programas de cobertura jornalística desenvolvidos pelos alunos e veiculados no youtube.
- 5) Desenvolvimento de programas e playlists radiofônicas.

Atualmente conta com a participação de vinte discentes do curso de Jornalismo e Publicidade e Propaganda, sob orientação de quatro docentes nos respectivos núcleos de Publicidade e Propaganda, Rádio, TV, Jornalismo. O Projeto Estação Ceuma possui também canal na plataforma do Youtube, onde disponibiliza as produções realizadas pelo núcleo de TV (Figura 2).

FIGURA 2 - Portal Youtube



Fonte: Site do Estação Ceuma no Youtube.

Dois aspectos da educomunicação podem ser identificados na análise das práticas nos núcleos supracitados: a mediação tecnológica na educação e a gestão comunicativa. Em relação a primeira, os produtos desenvolvidos pretendem a partir da produção audiovisual tornar-se um veículo educativo da comunidade acadêmica, adotando uma linguagem próxima dos alunos e veiculada em multi plataformas. Ao compreendermos que a gestão comunicativa refere-se a prática educacional como estratégia de ensino para as comunidades, a dinâmica adotada no projeto prevê a gestão comunicativa desde a concepção até a veiculação dos produtos audiovisuais construídos.

Na análise dos questionários aplicados aos discentes, inicialmente foram realizadas perguntas relacionadas a três aspectos: dinâmica adotada na seleção e produção

dos produtos, temáticas adotadas no desenvolvimento e relações com a educomunicação.

Em relação ao primeiro aspecto, os resultados são apresentados abaixo:

GRÁFICO 1 - Forma de desenvolvimento das produções realizadas nos núcleos.



Fonte: Resultado dos questionários aplicados.

No segundo aspecto, entre os temas abordados, as respostas dos questionários apontam que 70% concentram-se nos acontecimentos da universidade, seguido pelos temas de meio cotidiano (23,1%) meio ambiente (15,4%), saúde (15,4%), segurança (7,7%). Os núcleos de jornalismo, rádio e publicidade propaganda também contemplam em suas temáticas e pautas relativos a educomunicação associados a democratização da comunicação, expressão e protagonismo juvenil, diálogo e novas relações na universidade. Na aplicação da análise de conteúdo foi possível identificar categorias, subcategorias, unidades de registro e contexto dos dados (Tabela 1).

TABELA 1 - Categorias, Subcategorias e Unidade de Registro e Contexto dos Dados

CATEGORIA	SUBCATEGORIA	UN. DE REGISTRO	UN. DE CONTEXTO
1. Participação na produção de conteúdos.	Dinâmica da produção.	Entre os entrevistados, 71,4% dividem as tarefas, 21,4% trabalham individualmente e 7,5% desenvolvem as atividades de	<i>Divisão de tarefas - os alunos são reunidos em pequenos grupos, em que cada um tem um papel.</i> <i>Individuais - cada aluno produz um texto,</i>

		forma coletiva.	<i>foto, etc.</i> <i>Coletivas - todo grupo define em conjunto e executa as atividades.</i>
	Temas e conteúdos.	Entre os participantes do projeto, 35,7% produzem conteúdo livre pré-definido pelo coordenador, 28,6% produzem conteúdo livre dentro de temáticas determinadas e 28,6% produzem conteúdo previamente estabelecidos.	<i>Acontecimentos na Universidade.</i> <i>Cotidiano/Acontecimentos do bairro, da cidade.</i> <i>Conteúdo livre, dentro de gêneros pré-definidos.</i>
2. Percepção de práticas educacionais.	Protagonismo juvenil.	Novas relações e diálogo com a universidade; Democratização da comunicação; Expressão e protagonismo jovem.	<i>O projeto de extensão é uma nova forma de se relacionar e dialogar com a universidade.</i>
3. Práticas de cidadania.	Relações com comunidade acadêmica.	Campanhas sobre o câncer de mama; Palestras e minicursos; Rodas de diálogo.	<i>Conscientizar a comunidade acadêmica.</i>
	Desenvolvimento de produtos jornalísticos.	Radiojornal; Campanhas institucionais: Amo Ler, Em Tese, etc. Boletins informativos;	<i>Com linguagem acessível à todos.</i> <i>Informar sobre as ações e eventos para a própria comunidade.</i> <i>Boletim radiofônico</i>

		Campanhas de divulgação sazonal;	<i>semanal.</i>
--	--	----------------------------------	-----------------

Fonte: Questionário aplicado aos alunos participantes do Estação Ceuma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo de caso do projeto de extensão universitária Estação Ceuma, observado a partir dos pressupostos da educomunicação como participação na produção de conteúdos midiáticos e da própria percepção de práticas educacionais pelos participantes, os sentidos atribuídos pelos alunos a experiência revelaram a importância do aluno como protagonista da seleção e constituição dos produtos, este passa a perceber a relevância da construção da informação desde a sua concepção até a recepção, bem como seu apelo a cidadania junto ao público alvo do projeto.

O ecossistema comunicativo desenvolvido no Estação Ceuma estabelece o diálogo, a gestão da comunicação compartilhada, em relação a seleção de temas e conteúdo para midiática, fortalece as noções de atuação participativa, contribuindo assim na formação de graduandos comprometidos com a própria prática profissional.

Foi possível identificar nas falas dos alunos participantes a importância da experiência da prática do exercício da profissão, da importância do seu papel na sociedade, da necessidade de atuação profissional interdisciplinar e da possibilidade de ampliar sua prática para a discussão de temas sociais relevantes.

Por conseguinte, entende-se a necessidade explorar o eixo da extensão universitária com o propósito de proporcionar ao aluno, experiências além da rotina das salas de aula que, geralmente, introduzem o discente a imergir em outras áreas do estudo e da pesquisa. Além disso, são as práticas educacionais que, por exemplo, na análise do caso do Estação Ceuma, aproximam o aluno da Universidade, através do diálogo e da construção de novas relações.

REFERÊNCIAS

ARROYO, D. M. Piccolo; ROCHA, M. S. **Meta-avaliação de uma extensão universitária:** Estudo de caso. Avaliação (Campinas), Sorocaba , v. 15, n. 2, p. 131-157, Julho 2010.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL, Ministério da Educação. **Plano Nacional de Extensão Universitária.** Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e SESu/MEC. Edição Atualizada Brasil 2000/2001. Brasília: ME, 2002.

CARBONARI, Maria Elisa Ehrhardt; PEREIRA, Adriana Camargo. **A extensão universitária no Brasil, do assistencialismo à sustentabilidade.** Revista de Educação, v. 10, n. 10, 2015.

CITELLI, A. **Educação e mudanças:** novos modos de conhecer In: Outras linguagens na escola. 2004.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

LEVY, P. As tecnologias da inteligência. São Paulo: Ed. 34, 1997;

MARTÍN-BARBERO, J. **Ofício de cartógrafo.** Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

KAPLÚN, M. **“Processos educativos e canais de comunicação”**, in Comunicação e Educação, jan./abr. 1999, p. 68-75

SANTAELLA, L. Cultura das mídias. 4a. ed. São Paulo: Experimento, 1992.

SARTORI, A. Educomunicação e sua relação com a escola: a promoção de ecossistemas comunicativos e a aprendizagem distraída. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 7, n. 19, 2010.

SOARES, I. O. Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação. Revista Comunicação & Educação, n. 23, p. 16-25, 2002.

SANTAELLA, L. Tecnologias do imaginário. **Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano.** Porto Alegre: Revista Famecos, nº22, 2003.

SARTORI, A S; SOARES, M. S. P. Concepção dialógica e as NTICs: a educomunicação e os ecossistemas comunicativos. **Colóquio internacional Paulo Freire**, v. 5, 2005.

RUBIM, A. A. C. **Quatro anos de quê?** IN Comunicação & Educação, 1996.



THIOLLENT, M. Construção do conhecimento e metodologia da extensão. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**, 1., 2002. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/Icbeu_anais/apresentacao/apresentacao>. Acesso em: fev.2019.